

d'Orey GAZETA



nº 4

SACO AZUL

por Luisa Marchand (rosa)



É giro ver quanto a Gazeta dá prazer. Quanto se gosta de ter notícias dos primos, que por vezes não se conhecem, mas com avós (bisavós ou trisavós) comuns! Fazemos parte, somos iguais, é bom! À Tim-Tim, à Nico e à equipa (Luisa e Bruno) é que o devemos. Temos que agradecer com notícias, artigos, fotos ou lembranças. E pensar também no material. Que se deve fazer? Pois não será justo a redacção actual pagar sempre as despesas. Aguardamos as vossas sugestões. Dou já a minha: um "Saco Azul" para o qual enviamos, de vez em quando uma oferta. (A Gazeta d'Orey agradece esta primeira contribuição para o "Saco Azul".... Na verdade.. há mesmo despesas).

ÍNDICE

José Diogo Burridge d'Orey (Junior)(pág.2)

José Diogo de Albuquerque d'Orey,
por Luiza Burridge d'Orey Marchand (pág.2/3)Algumas recordações da Avó Lillian
pelos netos (pág.3)Bonitas lembranças
por Maria Eleonora de Odivellas d'Orey(pág.3)Um olhar sobre a nossa Mãe
pelos filhos de Luiza d'Orey Marchand (pág.4)O Tio Zé Diogo
por Rodrigo Cardoso d'Orey (pág.4)Jornal Zé...Zé
do José Diogo d'Orey Marchand Sequeira Lopes
(pág.4)Algumas notas de rodapé
Pela redacção (pág.4)

Casamentos e Baptisados (pág.5)

Festa da Elvirita (pág.6)

Artistas e negócios (pág.6)



Queridos primos,

Quando nosso tio avô José Diogo d'Orey (rosa) veio passear no Brasil não sabia que graças a ele, aqui em São Paulo e Rio de Janeiro se formaria mais um clã d'Orey. E com a fundação da Companhia Comercial e Marítima viriam nosso pai Frederico (Encarnado), para São Paulo e para o Rio os tios Luiz (encarnado) e Willy (encarnado). Nosso pai casou-se em Lisboa com Raquel Themudo e teve quatro filhos:

Maria Tereza (Maythê , 3 filhos e oito netos);

Maria Eugenia (Gege, 4 filhos e 3 netos);

Maria Luiza (Xinha casou-se em Portugal, 3 filhos e 5 netos);

Frederico (Fritz, 5 filhos e 2 netos).

O pai Dico radicou-se em São Paulo e nossa vida era um constante vai e vem entre Brasil e Portugal. Chegamos a estudar no Queen Elizabeth School em Lisboa do qual guardamos as melhores recordações. Ao estourar a guerra em 1939, tivemos que voltar ao Brasil no último navio da Mala Real, e aqui ficamos por uns sete anos sem voltar a Portugal. As saudades eram imensas e quando finalmente voltamos foi uma festa, rever avós, tios, primos e amigos de infância. Contar episódios é quase impossível, pois são tantos que encheria um livro. Achamos a ideia da Gazeta ótima e realizamos que não conhecemos nem um terço dos primos d'Orey o que nos deixa uma sensação muito grande de nostalgia. Mas graças à Gazeta, ficamos mais ligados e felizes por saber que temos uma família Tão grande e muito original!

Maria Eugenia d'Orey da Cunha Bueno
(encarnado) rcbueno@attglobal.net

NOTAS DA REDACÇÃO

- A Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey ofereceu apoio financeiro para as despesas da **Gazeta d'Orey**, o que não diminui o trabalho que temos e que oferecemos com todo o gosto e alegria, mas alivia-nos, realmente, as despesas. Que bom! Obrigada!

- Quem quer receber a **Gazeta d'Orey** em papel e por correio? Muita atenção às novidades da última página!

- Também queremos salientar, até porque vem a propósito do ramo rosa, visitamos a Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey e lá vimos os óleos dos fundadores da nossa família que pertenciam ao tio José Diogo de Albuquerque d'Orey e que foram generosamente doados pelas suas netas Maria Luiza e Eleonora (Ducha).

Redacção: Tim-Tim (laranja) email: timtim_milu@hotmail.com Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras Fax: 214 213 156

Distribuição: Luisa Loureiro (laranja) email: lloureiro@mdados.pt Paginação e tratamento de imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

JOSÉ DIOGO BURRIDGE D'OREY (rosa)
New York 14 Abril 1920 - Porto 7 de Junho 2005

Residia na cidade do Porto desde 1952, filho mais novo de José Diogo de Albuquerque d'Orey e de Lillian Burrridge d'Orey. Um, o mais novo da primeira geração, o outro o mais novo da segunda



geração. Na família era conhecido pelo Júnior, se bem que ele não gostasse nada que o tratassem por esta alcunha. Ela lindíssimo e quando foi a Festa da Estufa Fria a “Janeira” que lhe cantámos era assim: “O José Diogo não veio, ficou o lugar vazio, todos queriam conhecer este nosso lindo tio”.

Casou no Rio de Janeiro com Maria Eleonora de Odivellas. As suas duas filhas Maria Luiza e Ducha têm-se mostrado muito entusiasmadas com a Gazeta d'Orey. Maria Luiza é paisagista e tem um lugar importante no meio. Eleonora (Ducha), mãe de família, trabalhou no ramo imobiliário como correctora independente (mais de uma centena de vendas em S.Paulo), casou-se com Wilson Mendes Caldeira Jr, de quem tem dois filhos, Cristina e Wilson. Wilson casou com Renata Viacava e já têm um filho, Pedro, com ano e meio.



JOSÉ DIOGO DE ALBUQUERQUE D'OREY (rosa)
por Luiza Burridge d'Orey Marchand

Português na alma, orgulhoso da sua raça, dos seus antepassados, da sua família que ele amava acima de tudo! Tinha pelos irmãos um afecto, que estes lhe retribuíram com ternura toda a vida.

José Diogo assim se chamava. Nasceu em Lisboa a 26 de Março de 1872; três semanas depois morria-lhe o Pai. Este facto teve grande importância na sua vida. Foi educado pela Mãe, que lhe dava muito mimo (diz ela no seu testamento). A sua formação foi marcada pelo ambiente muito afrancesado que se vivia na família Mouzinho, aonde se falava vulgarmente o francês (os seus avós e a Mãe viveram alguns anos exilados em Paris).

Era uma criança sensível e amimada e tinha no seu irmão mais velho, o Ruy (amarelo) a afeição paternal que tão cedo lhe faltou.

Toda a minha vida fui testemunha dessa união, que eu tomava como natural, mas que agora revejo como excepcional.

Aos dez anos entrou interno, para o Colégio dos Jesuítas em Campolide. Esta separação da Mãe e da família foi um rude golpe que ele nunca esqueceu. Durante oito dias nem ele nem a Mãe pararam de chorar. Acabou por gostar muito do Colégio (dos jogos em particular) não dos estudos.

Aos 14 anos, foi mandado por dois anos seguidos, para a Alemanha (Hanover) para estudar. Manteve-se assim, respeitosamente a vontade de seu Pai, tal como tinha acontecido com os seus irmãos mais velhos. Que Mãe corajosa! É enviado depois para Londres para aperfeiçoar o inglês (viria a falar 5 línguas perfeitamente!). Na sua bagagem levava uma guitarra; (tocava muito bem, tinha herdado o talento musical dos Pais) e como o dinheiro era pouco, não achou melhor solução do que dar umas lições, - a meninas bonitas de preferência! E lá vai um anúncio para o melhor Jornal. Entre os amigos do mano Ruy (amarelo), havia um Senhor Mascarenhas, súbdito britânico, que lia o Times de fio a pavio. Descobriu o anúncio e logo informou o seu amigo do modo como o José Diogo estava a aprender o inglês. Acabou assim a estadia londrina.

De regresso a Portugal, entusiasmou-se por essa novidade de duas rodas, a bicicleta. Para comprar a sua primeira máquina, vendeu a colecção de selos e tornou-se campeão de Portugal.

Foi assim, de bicicleta, que o meu Pai percorreu as estradas de Portugal, que ele tão bem conhecia, a vender as chaminés de vidro para candeeiros a petróleo que os irmãos negociavam.

Pedalandando um dia pela serra de Sintra, ouviu chamar o seu nome.

Era a Marquesa de Belas. Cumprimentou-a e ela disse-lhe “José d'Orey você vai almoçar connosco! Estamos aqui com sua Majestade D. Maria Pia, a picnicar e ela gosta de ver gente nova. Venha daí”.

Meu Pai em fato de treino da época (fato, gravata e chapéu) protestou que não estava vestido para aceitar o convite, mas a Marquesa insistiu. “Venha, venha, D. Maria não olha para o seu fato e...você por seu lado não repare de a ver fumar um cigarrinho com o café”.

A aventura chamava-o. Aos 26 anos, vendeu a Jaime Leitão (ourives) a suas medalhas de ouro que tão briosamente ganhara, e partiu para o Brasil. Desembarcou em plena epidemia de febre amarela (1898). O único meio disponível que arranhou para o transportar do Cais ao Hotel foi um carro funerário. Pousou a bagagem e a guitarra no lugar do morto e sentou-se ao lado do cocheiro. Foi desta maneira que começou a sua vida no Rio de Janeiro, aonde viria a ser tão feliz. Através dos irmão foi nomeado agente de várias companhias de navegação, entre elas a Companhia Fabre. Foi assim de fio a pavio que o meu Pai fundou uma bela casa comercial.

Construiu para viver uma das primeiras casas de Copacabana que ostentava, por imposição do empreiteiro as armas da família no cunhal, e uns lindos azulejos do Colaço na varanda. De campeão de bicicleta tornou-se campeão de provas automobilísticas e muito “LANCÉ” na sociedade carioca.

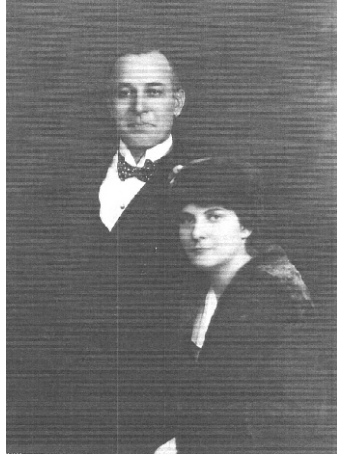
Chamou para vir trabalhar consigo muitos sobrinhos. O Guilherme (Tátá)(laranja) e o Luís da Câmara (laranja), filhos do tio Luís (laranja); o Vasco (amarelo) filho do tio Ruy, o Willy (encarnado) e o Luís Perestrelo (encarnado).

Todos os irmãos o foram visitar ao Rio de Janeiro e penso que foi esta a época aurea da sua vida.

Homem lindo, era um “raffiné”, amador de coisas belas. Vem frequentemente à Europa ver a Mãe e tomar ares de civilização. Trás consigo o seu carro e “chauffeur”; vai fazer ski à Suíça; encomenda os seus fatos no “Pools” de Londres (vidé os Maias de Eça de Queirós), compra Limoges e Baracats em Paris, encomenda a sua baixela ao Jaime Leitão. Grande amador de ópera, conheceu a Patti, a Melba, primadonas da época. Ouvia o Caruso cantar ao luar para um “petit comité” viajando de Santos para o Rio.

Em 1914 rebenta a Primeira Grande Guerra. Representante de linhas de navegação francesas, é notável a sua acção em defesa das mesmas. Pelos seus préstimos à causa aliada, fica em posição privilegiada para defender os irmãos injustamente exilados de Portugal. Influente, trás o assunto para os jornais e não descansa enquanto não é feita justiça à sua família e esta se veja de novo em Lisboa.

Logo a seguir vai para Nova York com o propósito de alargar os seus negócios. Conheceu nessa altura uma linda senhora americana, de origem inglesa, com quem casa em 1917. Minha Mãe. Nasceram dois filhos e a sua vida vai-se passar até 1927 no Rio ou S. Paulo, continuando com frequentes visitas à Europa e aos Estados Unidos. Era uma altura de política agitada. As revoluções do Brasil eram frequentes e às vezes sérias; mas dum modo geral tudo se passava um pouco em família.



Minha Mãe entretanto não passava bem. O clima tropical abalara a sua saúde. Meu Pai resolveu voltar para a Europa e fomos viver para Paris.

O meu Pai para se distrair, interessou-se de novo pelos selos. Recomeçou uma colecção e dedicou-se ao estudo dos selos falsos. A crise de 1929 surpreendeu-o em Paris. Muito abalado financeiramente, aceitou o convite que lhe fizeram os irmãos para assumir a direcção da Orey Antunes do Porto e, em 1932, instalamo-nos definitivamente no Porto.

Voltou mais uma vez ao Brasil para rever os seus amigos e pôr ordem nas suas coisas. Viagem essa em que tive o privilégio de o acompanhar (tinha eu 19 anos). Adorei essa viagem. Tive a oportunidade de conhecer ainda melhor o homem encantador que ele era.

Tolerante até à indulgência, era rígido para consigo mesmo. A sua abertura, a sua simplicidade, o seu conceito da vida, a sua versatilidade não o limitavam a estritas fronteiras. Fez parte dos privilegiados que pertenciam ao Mundo. Pode na verdade dizer-se que era um cidadão do Mundo. Mas também se pode dizer que se fosse possível transpô-lo para os dias de hoje, seria perfeitamente um homem ambientado ao Mundo de 2005.

ALGUMAS RECORDAÇÕES DA AVÓ LILLIAN pelos netos de Lillian Burrige d'Orey (rosa)

A nossa avó, a quem chamávamos Vává, sempre foi uma pessoa muito presente na nossa vida pois vivia numa casa que comunicava com a nossa por uma porta interna. Todos os dias a Vává aparecia mais ou menos a meio do nosso almoço e todos os dias o mesmo ritual se repetia - levantávamo-nos todos, esperávamos que a Vává se sentasse e só depois nos sentávamos e continuávamos a refeição. Geralmente à tarde quando passávamos diante da casa da Vává ouvíamos-la tocar piano. Às vezes o piano era acompanhado pelo violino, tocado pela sua amiga americana Catarina Carneiro, mulher do compositor Cláudio Carneiro e nora do pintor António Carneiro. Por vezes era organizada uma camarata em que o piano e o violino eram acompanhados de canto. A casa da nossa avó transformava-se, para nós, num local encantado em que se "fazia" música.

A nossa avó adorava fazer dois programas - ir a Fátima e ir, no verão, com os netos, à Feira Popular. Depois de andarmos nos carroceiros e nos carrinhos de choque, vigiados pelo olho atento e,

BONITAS LEMBRANÇAS

por Maria Eleonora de Odivellas d'Orey (rosa)

Mando o meu sincero agradecimento, pela homenagem que a Gazeta d'Orey, vai fazer ao meu avô e ao meu pai. Adorei conhecê-lo! De todas as lembranças que guardo do meu pai, a mais bonita é o amor que ele tinha pela família. Entre todas as suas virtudes, destaco a fidelidade com que tratou dos assuntos referentes à minha mãe.

Da minha parte, quero dizer que meus pais, para mim, foram e sempre serão as pessoas mais educadas, éticas, finas e elegantes que conheci em toda a minha vida!

Tenho a certeza que suas almas estarão juntas no meu coração, cada dia em que viver...

Também tenho sentimento semelhante em relação ao meu avô paterno e à minha avó Lillian, que pouco contacto tive. Tenho notícias de ter sido um senhor muito charmoso e simpático, que se apaixonou pelo vosso país e aí criou as suas raízes.



por vezes, severo da Vává, acabávamos a visita em frente ao pavilhão de chocolates da Favorita. Cada um espetava o lápis na caixa para ver se saía qualquer coisa e a que mais vibrava com o suspense era a própria Vává (que diga-se ficava encantada quando lhe saía uma boa tablete de chocolate).

A Vává, como boa americana, tinha um forte sentido comunitário tendo organizado, com as amigas mais próximas, os "trabalhos", encontros em que tricotavam camisolas e xales para os pobres. Ainda como boa americana, e antecipando-se no tempo, não deixava que se

fumasse dentro de casa, sendo frequente ver a sua amiga Catarina Carneiro a fumar...no hall da entrada.

Sempre que os tios e primos que viviam em Lisboa vinham ao Porto visitavam a avó Lillian, o que para nós, netos, era uma emoção.

A Vává morreu com quase noventa anos em casa da nossa mãe. Com ela foi uma parte da nossa vida e do nosso imaginário infantil.



UM OLHAR SOBRE A NOSSA MÃE pelos filhos de Luisa d'Orey Marchand (rosa)



Falar sobre o nosso avô não podemos pois, infelizmente, não o conhecemos. Mas conhecemos bem a sua filha (e nossa mãe) e é sobre ela que escrevemos estas breves linhas. A nossa mãe, única neta viva do fundador da família, além de bonita, inteligente e culta é uma personalidade forte, determinada, corajosa e generosa.

Depois de uma infância e adolescência vividas em diferentes países - Nova Iorque, Brasil, Inglaterra (onde estive interna num colégio de

freiras) e França (onde frequentou a Sorbonne e conheceu o nosso pai) - passou o seu primeiro ano de casada no Norte de África, país para onde o nosso pai foi destacado durante a Segunda Guerra Mundial, tendo regressado a Portugal para ter a sua primeira filha (a Isabel). Instalada no Porto (ou mais precisamente na Foz do Douro), junto dos nossos avós, teve, além da Isabel, mais 7 filhos (a Chantal, o Patrick, o Georges, a Ana, a Helena, o Philippe e o Bruno), que educou com um "amor firme" (muitas vezes ouvimos a mãe, caracterizar-se a si mesma como uma "mãe leoa"). Porto seguro para todos nós (mesmo em circunstâncias por vezes adversas) sempre defendeu valores que considerava (e ainda considera) muito importantes, tais como o sentido de responsabilidade, o respeito pelos outros (a divisa kantiana "faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti" era muitas vezes evocada), a tolerância, entre outros.

A sua inteligência e a sua curiosidade intelectual e estética (sempre se interessou por arte, tendo chegado a dar um pequeno curso sobre móveis ingleses) desenvolveu em nós o gosto pelo estudo (todos tirámos um curso superior, estando esta tradição a passar para os seus netos, alguns já formados, outros a concluir os cursos e outros a começar) e o fascínio pela arte .

A sua faceta desportiva (primeiro ténis, depois o golfe) fez-nos viver momentos muito divertidos como, por exemplo, as idas anuais para uma instância de ski, no Guadarrama, numa altura em que a prática deste desporto não era muito usual, as férias passadas, em família, no Algarve, com passeios num pequeno barco de borracha...a remos! Tudo isto com uma grande simplicidade e com uma certa contenção financeira.

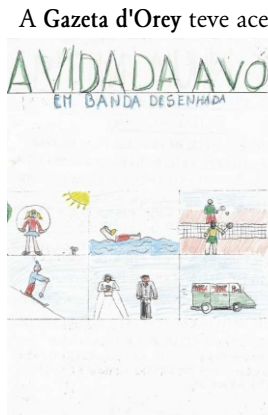
Haveria muito mais a dizer, mas preferimos acabar afirmando que temos uma MÃE com letra grande, a quem devemos muito do que somos e, sobretudo, que gostámos muito de ter tido e damos graças por continuar a ter.

O TIO ZÉ DIOGO por Rodrigo Cardoso d'Orey (amarelo)

Na foz, tinha eu 12 anos (o tio Zé Diogo deveria ter 60!) convivi bastante com ele e passeávamos de bicicleta pelo menos uma vez por semana...foi formidável a convivência com ele. Daí veio a amizade com os filhos, Júnior, Luiza e posteriormente com os filhos da Luisa. Toda a gente com quem conviveu, gostava muito dele.

...JORNAL ZÉ...ZÉ

do José Diogo d'Orey Marchand Sequeira Lopes (rosa)



A Gazeta d'Orey teve acesso a este Jornal feito por este neto (10 anos) de Luiza Marchand, nos seus 80 anos. Era um Número Especial e grátis! Tinha um passatempo com letras para se descobrir as qualidades da sua avó: boa, bonita, culta, simpática, amiga! Depois outra rubrica, SABIAS QUE...a avó nasceu em Nova "Yorke", que em pequenina foi viver para o Brasil, etc. etc. Ainda outra "NHUM, NHUM" que era composta por receitas da avó "Bolo Alemão" e "Uma bebida explosiva da avó". Acabava com "A VIDA DA AVÓ" em banda desenhada de que passamos cópia.

ALGUMAS NOTAS DE RODAPÉ

- Ficámos a conhecer esta notável personagem que até hoje nos deixou 28 descendentes. Agradecemos toda a colaboração da Nucha (amarelo e verde)(Mariana d'Orey Cravo) e à Gege (encarnado)(Maria Eugénia d'Orey da Cunha Bueno), ambas de S. Paulo.

- O seu primeiro casamento com Anna Teixeira de Sampayo (8/8/1875 - 6/10/1913) durou quatro anos. A sua mulher morreu sem descendência. Senhora virtuosa.

- José Diogo, quase da idade dos sobrinhos foi o ídolo dessa geração. Partilhava com o Infante D. Afonso, seu grande amigo, a paixão por uma máquina nova, o automóvel.

- Foi do José Diogo a ideia de fazer a fotografia de família no Barracão que publicámos na Gazeta d'Orey nº 0.

- Funda uma casa comercial no Brasil com os negócios e os conhecimentos da Orey Antunes dos seus irmãos, mantendo maior união com estes. À navegação junta importantes representações de automóveis (Panhard, Renault, Berlier, Pakar, pneus Michelin, etc). Depois do Rio de Janeiro, abre escritórios em S. Paulo e Santos. A casa de Lisboa viria a juntar aos seus negócios, além das representações referidas, a Peugeot.

- A propósito das representações de automóveis: Em certo dia vem um homem ter com José Diogo a pedir que visse o seu novo modelo de carro. José Diogo indicou-lhe outras empresas porque já estava comprometido com uma agência de automóveis. Tempos depois lá volta de novo o dito senhor. Não tinha tido sucesso, mas insistia, que ao menos, José Diogo andasse uma vez no carro. Aceitou, para ser amável. Pediu ao sobrinho Willy para vir também. Começando a andar dizia o Willy: Oh tio não perca, não perca!!!! José Diogo fazendo-lhe sinais dizia: Sei muito bem o que faço! Era o Pakar, a representação com que acabou por ficar e trazer para Lisboa que tanto sucesso fez!

- Entrava nas Formulas 1 da época. Corridas emocionantes em que as velocidades atingiam os incríveis 40 km à hora!!

- A propósito da expulsão de Portugal dos seus irmãos, por serem considerados pelos políticos como alemães. José Diogo, usando da sua grande influência no Brasil moveu "seca e meca" para se fazer justiça. Nos jornais da época no Rio de Janeiro escrevia-se: "Se há dúvidas do portuguêsismo dos d'Orey, façam prova. Ouçam o José Diogo d'Orey tocar guitarra e cantar o fado".

- Com os sobrinhos Willy e Luís Perestrello a tomarem conta da casa do Brasil, José Diogo parte para Nova York em busca de novos negócios, novas oportunidades. Ai conheceu Lillian Burridge, achou-a parecida com a Sissy, Imperatriz da Austria.



CASAMENTO

A 3 de Setembro, realizou-se, na Igreja de Nossa Sr^a de Fátima, na Parede o casamento do Carlos Moura de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde) com Rita Sofia de Campos Gonçalves Rupio. O copo de água foi na Quinta do Zambujeiro-Abrunheira-Sintra.



BAPTIZADO

de Joana Banza Slewinski (verde)

Filha de Bruno d'Orey Slewinski e de Ana Lúcia Banza Slewinski, o baptizado foi celebrado a 10 de Junho de 2005, na Igreja de Nova Oeiras, pelo Monsenhor Melo. O fato de baptizado(!) carinhosamente feito pela nossa prima Bébé (Maria José Portugal e Castro d'Orey)(amarelo e verde) e... convenhamos que o "recheio" também é de grande qualidade!



FESTA DA ELVIRITA

A ELVIRITA (amarelo e verde) faz 20+20+20+20 anos!

Ninguém acredita!

No próximo dia 4 de Outubro há grande Festa!!! À medida da festejada. Missa de Acção de Graças na Igreja do Loreto, seguida de jantar no Convento da Trindade.

Quem vai?

Muitos, mas mesmo muitos! Mais do que o dobro dos seus anitos!

A festa será concerteza divertida, com toda a sua querida família reunida à volta de uma grande senhora.



CASAMENTO

Luís Silva Ruivo Quintella (azul) e Inês Drumond Borges Barros Rodrigues, casaram-se a 25 de Junho na Igreja de S. Pedro de Sintra, a que se seguiu o "Copo d'Água" na Quinta de Cima em Casas Novas Sintra. A noiva estava muitíssimo bonita e o Luís felicíssimo!



BAPTIZADO

de José Maria Appleton d'Orey (verde)

O baptizado do José Maria realizou-se a 14 de Maio na Basílica da Estrela.

Filho de José Diogo Borges de Sousa d'Orey e de Vera Maria Pontes Appleton d'Orey, pais sorridentes e babadíssimos, conforme se pode verificar pela fotografia de família aqui ao lado.

O convite para o baptizado tinha um toque muito original da Vera. Uma designer de sucesso, que como se viu por esse bonito convite, terá certamente ainda muito mais vitórias empresariais pela frente no seu negócio.



PENSAMENTO CHINÊS

de Carlos Lopes de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)

Quem vive no passado está a roubar o presente; mas quem esquece o passado está a roubar o futuro



O NOSSO D'OREY DE LUXO

in Expresso



A Gazeta viu na Revista do semanário Expresso um artigo intitulado Bernardo d'Orey (castanho) "O nosso homem de luxo".
Parabéns Bernardo!
Destacamos duas das suas frases "Aprendi o essencial. O culto pelo detalhe, pelo pormenor. O luxo é isso" e "A Dior e a Chanel, são os meus concorrentes, o meu padrão. Não aceito vender nada, desde que não esteja orgulhoso".
Já agora também gostávamos de acrescentar que fomos ver as suas peças (borboletas e serpentes) na loja Jimmy Style, nas Galerias do Ritz em Lisboa. Vale a pena, são muito elegantes! Lindas! Um luxo de um homem de luxo!

RESTAUROS

Isabel Maria da Glória Cardoso d'Orey Santiago (Gaibéu) (amarelo)
Em móveis de madeira, ou seja polimentos a álcool (goma laca) limpeza, betumes, enceramentos, reparação de embutidos, afinação de gavetas, etc, etc., usando técnicas e produtos da época do móvel.
Para dar orçamento e combinar mais detalhes aqui vai o contacto:
gaibeu@yahoo.com.br.



RESTAURANTE "À VOLTA DO VINHO"

O Restaurante À VOLTA DO VINHO, do Filipe Gaivão (laranja) pretende fazer uma ligação entre o vinho e a boa gastronomia portuguesa e internacional. Boa comida num excelente ambiente.
Aguarda as visitas dos primos!!! Se trazer a Gazeta d'Orey na mão talvez ele lhe faça um desconto!!!



Contactos - Localização
Rua Manuel Bernardes, 5-A 1200-250 Lisboa
Tel: 213 96 11 68
email: avoltadovinho@sapo.pt
Site: www.avoltadovinho.no.sapo.pt

PINTURA

Nuno d'Orey Santiago (amarelo)



Fazemos das palavras de Chele Simpson (representante do Nuno no Reino Unido, as nossas... "Nuno Santiago encontrou a forma mais potente de comunicação na linguagem da cor e da forma. Essa voz silenciosa e profunda aparece para alcançar algum espaço antigo e primitivo na alma humana (...)"



nunosantiago44@yahoo.com

PROPOSTA da Maria Bobone Cabral da Camara (verde)

Alguém está interessado num negócio próprio muito interessante na área das energias (gás e electricidade e telecomunicações) compatível com qualquer trabalho ou profissão que se tenha ou como actividade a tempo inteiro e com fundos residuais mensais para ganhar um dinheirinho extra que é sempre muito bem-vindo?
LIGUE SFF: 917 439 437

GAZETA PELO CORREIO

Quem quer receber a Gazeta d'Orey por correio????
Podemos mandar as passadas, a presente e as futuras.
Tiraremos fotocópias e enviaremos por correio, mas todas estas despesas não poderão ser suportada por nós.

Os preços:

Uma Gazeta d'Orey (6 páginas) fotocópia a cores.....5,25€
Uma Gazeta d'Orey (6 páginas) fotocópia a preto e branco.....0,30€

Envio por correio (correio normal) de 1 Gazeta d'Orey.....0,30€
Envio por correio (correio normal) de 2 Gazetas d'Orey.....0,46€

Ainda falta o envelope mas.... Se pedir muitas, arredonde um pouco para cima, porque os envelopes grandes são mais caros!!!

Finalmente envie um cheque, à ordem da Tim-Tim (Teresa Sacadura Botte) para:
Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780-307 Santo Amaro de Oeiras
Nós fazemos o resto.